

Caminho das Águas | Piatan Lube

Capela Santa Luzia, Cidade Alta, Vitória, ES
2 de fevereiro a 2 de março de 2010

PIATAN LUBE REALIZOU UMA RESIDÊNCIA URBANA, RESGATANDO A "LINHA D'ÁGUA" DAS CIDADES DE VITÓRIA E FLORIANÓPOLIS NUMA AÇÃO QUE EXIGIU PESQUISA HISTÓRICA, ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL, ENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE CIVIL E MUITA CRIATIVIDADE, CRIANDO DE FATO UMA INTERAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA E A ARTE.



Arte, memória e a rua

Piatan Lube

...uma imersão poética e investigativa nos horizontes da modernização propondo materializar simbolicamente o Espírito do lugar.



A obra interventiva *Caminho das águas* poderia prospectar todo o litoral brasileiro, por questões culturais "o progresso" aqui entendido como dominação inconsciente da natureza. Mas encontra na ilha o caminho. Partindo de análise geológica, um espaço de terra cercado por água (magia), pensando o processo econômico histórico do Brasil, o porto foi sempre uma característica, para exportação da matéria-prima para países "desenvolvidos", a água é um fator determinante para o território, o interior do país só veio a ser ocupado posteriormente, neste sentido ilhas em seu posicionamento geográfico privilegiado, em relação ao continente e ao oceano, se tornam capitais. Em um enfretamento de relações identitárias com o lugar.

Pois quando a federação entra nas engrenagens do desenvolvimento acelerado, essas ilhas recebem pontes, automóveis, a capital de um Estado tem que crescer a qualquer custo. A cidade cresce, tomando do mar teu espaço, para dar conta das demandas crescentes de população, de habitação, de aparatos administrativos.

Verdadeiras barbáries geográficas são postas em práticas (aterros), toda uma característica geológica transfigurada, brutalmente. Instigar, caminhar, perceber, conhecer, ambicionar, lembrar, imaginar, ver, flagrar, escutar, conversar, interagir, pintar são ações desse processo. Ela não se esgota em uma intervenção, é um processo que visa ao conhecimento, à interação, ao trabalho físico, à participação emocional, ao elo, ao estímulo da memória, ao sentido de ocupação, à revolta, à razão. Ela traz um novo enfoque a uma antiga história de luta por espaço que acompanha o homem diante do mar. A obra em seus desdobramentos conceituais provoca um tensionamento com o campo de valor, na intersecção entre arte contemporânea, cidade e memória. Envereda por

uma direção de aglutinação e efemeridade. Aglutinação, porque insere mais uma camada no tecido urbano (a linha contínua azul) e efêmera porque esta será diluída pelo tempo e pelo fluxo intenso de pessoas. A linhação física na própria paisagem problematiza o espaço urbano, força questionamentos coletivos, um enfrentamento entre o tempo e a memória e que se elege em uma investida híbrida na questão patrimonial, à medida que cria uma materialidade efêmera como a memória, sobre a teia da própria paisagem, apontando para o embate homem e natureza. Faz ascender consciência à superfície graças à sua não permanência e ainda convida a própria cidade a vivenciar ela mesma sob outras perspectivas. Estas temporais, físicas, biológicas, geológicas. Logo, conduz a cidade a imaginar outro território em outra temperatura, arquitetura, vielas com cheiro do mar, enfim, elementos tão afastados.

Trazendo a ação para o cerne do movimento urbano, tanto em uma perspectiva poética quanto em embates políticos, ou ainda, de premissas "proféticas", a linha simbólica traçada no concreto sugere um caminho a ser percorrido e faz deslocar para o chão e para o infinito o olhar do transeunte. A apropriação física e sensorial que o estimula a múltiplas questões não consegue ser somente apreendida pelo olhar. A própria escala geográfica propõe um passeio por todas essas paisagens. Aciona um pertencimento ao lugar e que na sua apropriação física também suscita ritualizações de seu uso, por meio de práticas, códigos que identificam esses territórios para os grupos. "O olhar hoje é um embate com uma superfície que não se deixa perpassar". Fator que exerce a sua importância física e geográfica, mapeando por meio da gramática do espaço e do corpo que ficam impressos na cidade por meio de uma espécie de palimpsesto nas camadas de existência-paisagem.



Na ação o grande elo se faz justamente no diálogo entre identidade e globalização, um sentido de pertencimento ao patrimônio global e local que este traçado risca na cidade e no seu fluxo de pessoas. O que é memória em rede? Talvez uma fonte alimentadora das sub-recepções (galhos) desta memória e que ao propor um caminho também provoca ruídos. Diálogo ríspido entre patrimônio cultural e a força do frenesi de nossos dias. Sinalização poética à memória, ao território e às escutas do lugar. Paisagens que nestas cartografias acionam tempos diferentes a uma reinscrição numa linha azul que desvela nesta simples materialização uma trama de conversações imateriais, subjetivas, interdisciplinares, políticas, econômicas, afetivas, administrativas...

- Aqui a investida é em reinventar possibilidades de conexões intelectuais e afetivas com a cidade, enfretamento e articulação da obra com as cadeias complexas e dinâmicas destes territórios, pontuar fruição em lugares de não permanência, reumanizar espaços públicos e frios, repensar redizer, os investigar, enfrentar poeticamente.

Capitais costumam retirar da ilha o mar como essência, onde seus espaços planos de habitação existem, graças aos aterros sem este quase não haveria cidade na ilha.

O ser coletivo é proposto nos diálogos da ação artística, um trabalho onde se aciona, em níveis diferentes, a ação em teia, envolvendo uma gama de pessoas, estruturas, nas múltiplas poéticas específicas, na qual a obra se faz possível por meio de, para fazer-se presente enquanto tal, códigos da cidade, polícia, críticos, universitários, instituições um processo de interação contínuo – harmônico. O processo de escutar é importante no que tange a uma ação específica de memória territorial: escutar cada

ilha, habitantes, transeuntes, vivenciá-la, investigá-la, experienciá-la, imersão! Para ser Arte-Vida.

Em questionamento poético de antropologia do território, buscando a identidade natural desta cidade, *Caminho das águas* vem lembrar os espaços outros que integram esses territórios dando-lhes Vida, juntos, arte, cidade e memória faz nasce e conviver uma outra paisagem. Paisagem do Caminho das Águas.

A água, grande mãe da vida em toda a sua biodiversidades; água apocalíptica simbolicamente tomando a cidade por meio da arte, convocando a um novo itinerário por toda a transformação da ilha, um reencontro com a superfície, desloca para o chão e para o infinito o olhar do transeunte e o estimula a múltiplas questões.

Entretanto, a continuidade da linha, que não pode ser toda apreendida pelo seu campo visual, atravessando, como novas artérias, a cidade indica outras direções para a questão inicial. Provoca e deixa em suspenso à proposta artística para todo aquele que desconhece seu papel de assinalar na evolução urbana as ordenações, as relações da cidade e o ambiente de urbanização, por meio de um conceito experimental.

Partindo do entendimento que este traçado na cidade é memória coletiva da realização humana, prevendo-a como fenômeno histórico e geográfico em sistema dinâmico complexo de passado e presente, apresentando os sinais do tempo na paisagem que nela impregnam profundas marcas, apropriando-se assim da paisagem contemporânea para um enfretamento, por meio da arte, em que o terreno natural em vez de prover o ambiente para uma obra de arte é ele próprio a obra, o tema, trabalhado de modo a integrar-se ao lugar.

A linha invade e se apropria da cidade em suas texturas ruas, calçadas, cruza faixas de segurança, em ação performática, poética, política, ambiental, conceitual e efêmera. Transforma história em arte, ilhas em suporte. A atuação no horizonte da urbanidade transporta o trabalho, convoca, impõe a todos os habitantes habitar o diálogo, a arte, a memória, o território ou não.

Mas canta em azul uma teia de subjetividades, de lembranças das mais distintas, uma possibilidade silenciosa inscrita por meio de uma ausência-linha, um caminho de memória, um caminho de enfiamento entre a imaginação, a paisagem e a história.

Envereda por uma direção de aglutinação e efemeridade. Aglutinação, porque insere mais uma camada (a linha contínua azul) no tecido urbano, efêmera porque será diluída pelo tempo, pelo fluxo intenso de pessoas. O ponto de partida são os registros históricos das alterações das áreas urbanas sobrepondo mapas antigos aos atuais e verificando os acréscimos territoriais nas áreas urbanas.

Descobre e desdobra, impregna-se e traz a superfície, decorre e silencia em uma releitura efêmera do dispositivo pintado no seio do movimento urbano, onde infindas possibilidades nascem nos transeuntes e partem para outros lugares, exercício de não pertencimento autoral, coletivo; eis aí o grande fenômeno patrimonial em suas necessidades, multiplicação – heranças da humanidade – da civilização.

Indo de encontro a uma nova perspectiva patrimonial, da arte, da política, do coletivo, da memória. Propondo um caminho por entre as temporalidades da vida, que

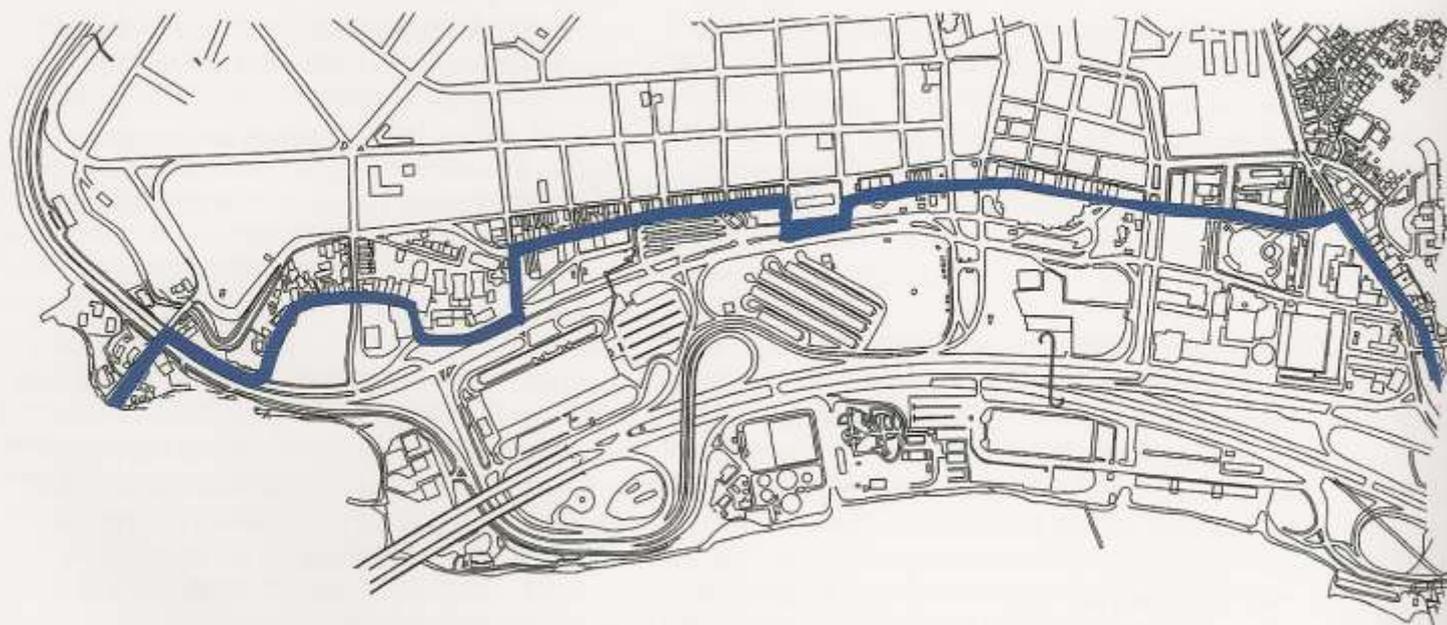
morre (como a linha) e o mundo continua, o que você planta no mundo é prosperidade.

Ao dispor a ação *Caminho das águas*, ativando algumas de suas linhas de resistência que invadem um mundo para invenção de outras formas de pensar e sentir este mundo, surge a problematização que faz apelo a esta escrita. Será que, ao operarmos com novas estéticas pelas cidades na produção de arte em espaços e contextos urbanos, estaríamos compondo novas possibilidades de ativarmos em nossos corpos de habitantes o atravessamento das intensidades e transformações do vivido? Seria possível pensar no despertar de olhares mais transversalizados através da potência destes dispositivos que transformam o "comum" da cidade em poética?

Nesse sentido, ao nos depararmos com intervenções pelas ruas da cidade, podemos ou não nos conectar com a força do sensível expresso pela arte... Pois é importante lembrar que para ser receptor também é preciso alguma deriva. Todo encontro convoca uma mistura... "É uma troca: eu lhe dou o trabalho, você me dá seu tempo. Você me dá seu tempo e faz uma experiência que eu gostaria que você fizesse."

Percurso de Florianópolis

- II. Rua José da C. Moellmann
- III. Rua Antônio Luz
- IV. Corta a Praça Marechal Floriano Peixoto
- V. Passa no meio do Largo da Alfândega
- VI. Rua Francisco Tolentino
- VII. Rua Henrique Valgas
- VIII. Av. Oswaldo Rodrigues Cabral





Da fluidez das águas que caminham...

Rubiane Maia

A prática de intervenções artísticas em espaços públicos das cidades tem sido ponto de partida de questões complexas na relação arte e vida na contemporaneidade. Transitando pelas ruas corremos o risco de sermos capturados por dispositivos que convidam nossos olhares, ou até mesmo nossos corpos, a se tornarem parte nessas composições. Instalam-se questões das mais diversas: estéticas, ambientais, culturais, políticas... Ar inquieto para alguns corpos frágeis.

A intervenção *Caminho das águas*, de Piatan Lube, parece nascer dessas forças, um contingente que não cumpre uma finalidade dura, fechada, ortodoxa, mas instala-se justamente entre os movimentos e desassossegos com este mundo mutante. Como o próprio título ecoa, aciona a invenção de um caminho, uma fronteira, o limite entre o mar e a terra que ao longo dos anos foi sendo modificado por processos de aterramento. Estes,

além de comunicarem um contorno de ilha que pouco se assemelha a dos anos atrás, colocam em questão a invenção de outras cartografias sobre as cidades. Estas percebidas por um contexto outro, o da fluidez das águas que perderam seu lugar nos últimos anos. Como a proposta abarca duas capitais-ilhas, Vitória e Florianópolis, cria-se um jogo inter-relacionando duas realidades similares, porém singulares.

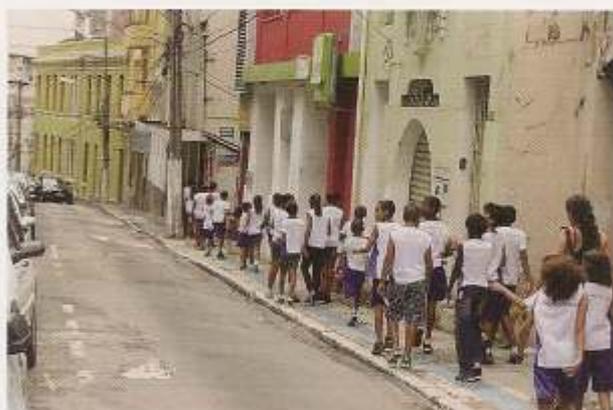
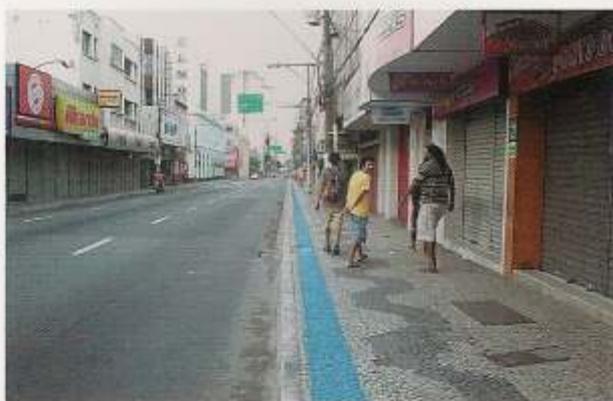
Acionando as linhas deste dispositivo vemos a possibilidade de criação de agenciamentos dos mais diversos. Nesta intervenção temos uma orientação capturada, demarcada a ser explorada, percorrida, narrada. Um convite a uma errância poética, pois o nosso lugar de habitante nesta ação não pode ser mais do sedentário urbano, mas sim do nômade que deve partir em caminhada na busca de saber mais sobre a cidade, o mar, o tempo... "A fluidez é provavelmente o fenômeno mais

característico dos líquidos” e é desta forma que somos acionados a esses espaços... Caminhantes a seguir por uma cidade que se desmancha sobre si mesma, que flui e vive. “E quando falo em fluidez, penso não apenas na fluidez mecânica, ou seja, nos deslocamentos” mas nas inúmeras possibilidades de dissolução que remetem a outras vias de acesso às ideias, transformações e mudanças na forma de operar com o meio.

Articula-se nesta ação um certo diálogo poético e político que pode ser entendido por diversas vias de análise, porém seu engendramento com o tecido social não pode ser separado de sua potência de sentido. Dizemos então de uma linha que não tem cabimento justamente por escapar de sua horizontalidade e que, justamente pelo vento que faz soprar, forma ondas que vão de encontro ao jogo de forças que habita a cidade. Esta se desloca por variações, ora se encontra na restauração do sentido histórico e patrimonial, ora faz arrancar legítimos de um mar furioso que teve seus espaços invadidos. Uma maneira poética de acionar os gritos de lemanjá.

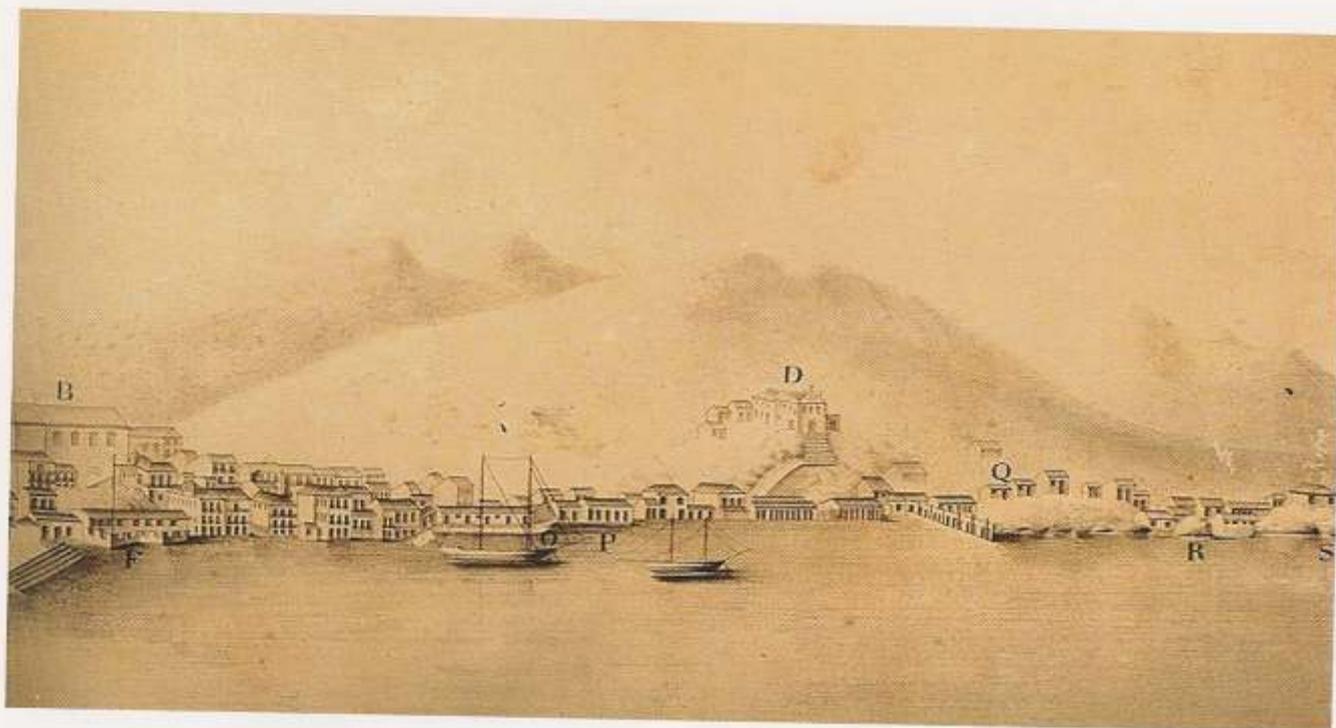
Ao dispor a ação *Caminho das águas*, ativando algumas de suas linhas de resistência que invadem um mundo para invenção de outras formas de pensar e sentir este mundo, surge a problematização que faz apelo a esta escrita. Será que, ao operarmos com novas estéticas pelas cidades na produção de arte em espaços e contextos urbanos, estaríamos compondo novas possibilidades de ativarmos em nossos corpos de habitantes o atravessamento das intensidades e transformações do vivido? Seria possível pensar no despertar de olhares mais transversalizados através da potência desses dispositivos que transformam o “comum” da cidade em poética?

Nesse sentido, ao nos depararmos com intervenções pelas ruas da cidade, podemos ou não nos conectar com a força do sensível expresso pela arte... Pois é importante lembrar que para ser receptor também é preciso alguma deriva. Todo encontro convoca uma mistura... “É uma troca: eu lhe dou o trabalho, você me dá seu tempo. Você me dá seu tempo e faz uma experiência que eu gostaria que você fizesse.”



Do nada ao lugar nenhum

Victor da Rosa



Talvez o esforço do artista capixaba Piatan Lube – e devemos pensar mesmo em esforço (poético e intelectual, certamente, mas físico também) já que tanto em Vitória quanto em Florianópolis, duas das três ilhas-capitais do Brasil, foram quase 10km de linha azul pintada no chão, em cada momento – talvez o esforço possa ser resumido em uma imagem: estender o nada ao lugar nenhum. *Caminho das águas*, como se sabe, é uma intervenção que, através de uma marcação no chão das cidades – pode-se lembrar que linha e cor são os recursos mais elementares da história da pintura – pretende recuperar o limite onde o mar quebrava, apenas. É onde tudo começa.

O primeiro comentário diz respeito a uma leitura política; trata-se de um protesto. De fato, existe um dispositivo de intervenção política colocado em cena de modo aberto e até mesmo declarado: a ocupação. A linha

invade ruas, calçadas, sobe em postes, cruza faixas de segurança, contorna bancos e objetos, ou seja: torna-se, ainda com algum silêncio, forçadamente visível.

Ao mesmo tempo – porque parece indispensável – tal ocupação é negociada com os poderes locais: um documento legal autoriza que a faixa faça um determinado trajeto e subtrai dos policiais, por exemplo, como aconteceu no sábado, 21, qualquer possibilidade de interdição. Em Vitória, a faixa foi realizada durante uma madrugada; em Florianópolis, diferente, a realização aconteceu durante dois dias de um final de semana. A imagem do artista contra a máquina, a meu ver, está repensada através de um uso pervertido de seus aparelhos.

A linha, ao rasurar o aterro, torna visível afinal justamente uma cidade que não existe mais, torna visível um desterro mesmo – o mar – já que o jogo de palavras



acaba sendo inevitável; ou por outra, a linha remarca o imaginário perdido de uma paisagem. Não é aleatório que um dos interesses de Piatan seja também o de recolher e publicar depoimentos de pessoas – no caso, mais velhas – que viveram o trecho da cidade antes de ser aterrada. No célebre verso de Mallarmé, o fantasma que reaparece é azul: “Je suis hanté. L’Azur! l’Azur! l’Azur! l’Azur!”

Uma das marcas de *Caminho das águas* então passa a ser o desejo da formação, ainda que provisoriamente, de uma pequena memória coletiva – o artista voltará a

sua cidade, a linha irá desaparecer com a ação do tempo, mas a memória talvez seja o que há de mais material nisso tudo. Um dos cuidados da intervenção de Piatan é o de saber escutar cada cidade e as pessoas da cidade com alguma atenção.

A intervenção política, depois – que poderia ficar no lugar comum, mas não fica – consegue se equilibrar em uma forte dicção plástica, poética. *Caminho das águas* é ainda uma pintura com extrema consistência de linguagem – em campo expandido, fora do quadro, no chão, como queira, mas pintura. A pintura consegue ser concisa, simples e até modesta – vale repetir que os recursos são os mais elementares possíveis: uma linha apenas e uma cor – mas também absolutamente direta, dispendiosa – foram mais de 20 pessoas realizando o trabalho durante dois dias, com mais de 20 litros de tinta para pintar quase 3km de chão, envolvendo uma difícil e até desafiadora estrutura de direção.

Em poucas palavras, ao mesmo tempo em que a pintura ativa elementos quase imateriais, infraleves: água, linha, memória, desaparecimento, fantasmagoria, também deve lidar com um processo que carrega certa dificuldade: o fechamento de ruas, a sujeira das ruas, nas roupas, os galões de tinta, o peso dos objetos, hostilidades, chuva.

Depois, a pintura é realizada para que as pessoas, no momento seguinte, agora mais perto do chão, andem sobre a linha, naturalmente – é um caminho a ser feito, de fato, um percurso – e de algum modo recolocuem na encenação dos dias um novo processo de apagamento da memória. No entanto, daqui a três meses, talvez, haverá ainda um resto de azul entre as lajotas. É a esse resto que damos o nome de esquecimento.

E o artista, no meio de todo o processo, também deve desaparecer. Sua intervenção passa a ser um aprendizado de música. As milhares de pessoas que passavam pelo Centro na segunda-feira – o processo de pintura acontece enquanto a cidade está deserta – sequer podiam saber do que se tratava. A cidade é um Museu; a linha olha e atravessa o outro com alguma surpresa. É como se a linha afinal recuperasse o seu silêncio. Como se tudo voltasse a ser um risco, enfim, uma rasura que logo se apaga ou não se apaga afinal.